

# Uma viagem ao Céu



1932



# UMA VIAGEM ao Céu

---

Uma vez eu era pobre  
vivia sempre atrasado,  
botei um negocio bom  
porém vendi-o fiado,  
um dia até emprestei  
o livro do apurado.

Dei a balança de esmola  
e fiz lenha do balcão,  
desmanchei as pratileiras  
fiz della um marquezão,  
porém roubaram-me a cama  
fiquei dormindo no chão.

Estava pensando na vida  
como havia de passar  
não tinha mais um vintem  
nem geito p'ra trabalhar,  
o marinheiro da venda  
não queria mais fiar.

Puz a mão sobre a cabeça  
e fiquei pensando na vida  
quando do lado do céu  
chegou um'alma' perdída,  
perguntou: era o senhor  
que aqui vendia bebida ?

Eu disse que era eu mesmo  
e a venda estava quebrada  
mas se queria um pouquinho  
eu ainda a tinha guardada,  
obra de uns dois garrafões  
de aguardente «Immaculada».

Me disse a alma: eu acceito  
e lhe agradeço eternamente  
porque moro no céu, e lá  
inda não tem aguardente,  
São Pedro não plantou canna  
porque perdeu a semente.

Bebeu obra de tres contas  
ficou muito satisfeita  
disse: aguardente correctá  
«Immaculada» direita,  
isso é o que chamo bebida  
essa equi ninguem engeita.

Perguntei-lhe: alma quem és ?  
disse ella: tua amiga  
vim te dizer que te mudes

aqui não dá nem intriga,  
quer ir para o céu commigo ?  
lá é que se bóta barriga.

E lá subi com a alma  
num automovel de vento  
e a alma me mostrava  
todo aquelle movimento,  
as maravilhas mais lindas  
que existem no firmamento

Passamos no purgatorio  
tinha um pedreiro caindo  
mais adiante era o inferno  
estava um diabo cantando  
e a alma de um nova-ceita  
presa num tronco apanhando.

Afinal cheguei no céu  
a alma bateu na porta  
com pouco chegou São Pedro  
que andava lá pela horta,  
perguntou-lhe: esta pessoa  
inda é viva ou já é morta.

Então a alma respondeu :  
é viva, estava no mundo  
não tinha do que viver  
está feito um vagabundo,  
lá quem não fôr do governo  
passa fome e vive immundo.

São Pedro ahi perguntou :  
o mundo lá como vae ?  
eu então disse : meu santo  
lá, filho rouba do pae,  
estava se vendo o instante  
que o céu por cima de nós cae

Eu inda levava um resto  
da gostosa «Immaculada»,  
dei a elle e elle disse :  
aguardente raciada!  
e ahi me disse : entre,  
aqui não lhe falta nada.

Arrastou uma cadeira  
e mandou eu me assentar  
chamou um criado d'elle  
disse: cuide em se arrumar,  
vá lá dentro e diga á ama  
que bóte um grande jantar.

Quando acabei de jantar  
o santo me convidou  
dizendo—vamos na horta...  
fui lá elle me mostrou  
coisas que admirava  
e tudo me embellezou.

Vi na horta de São Pedro  
arvoredos bem criados,  
tinha pés de patacões

que estavam carregados,  
pés de libras esterlinas  
que já estavam deitados

Vi cerca de queijo prata...  
e lagôa de qualhada,  
atoleiros de manteiga  
matta de carne guizada,  
riacho de vinho do porto  
só não tinha a «Immaculada».

Prata de 500 reis  
elles lá chamam caipóra,  
botava trabalhadores  
para jogar todas fóra,  
esses nikeis de cruzados  
lá nascem de hora em hora.

Então São Pedro me disse:  
quero fazer-lhe um presente,  
quando você fór embora  
quero lhe dar uma semente,  
você vae mesmo escolher  
aquella mais excellente.

Deu-me 10 pés de dinheiro  
alguns querendo botar,  
filhos de queijo do reino  
já querendo safrejar,  
uns caroços de brilhante  
para eu na terra plantar.

De galhos de libras esterlinas  
deu-me 120 pés,  
deu-me um sacco de semente  
de cedulas de 100 mil réis,  
deu-me maniva de prata,  
e de diamante umas dez.

Ahi chamou Santa Barbara  
esta veiu com attenção,  
São Pedro então lhe disse :  
eu quero uma arrumação,  
este moço quer voltar  
arranje-lhe a conducção.

Bóte a cangalha n'um raio  
e a séla num trovão,  
veja se arruma um curisco  
para elle levar na mão  
porque daqui para a terra  
existe muito ladrão.

Eu desci do céu alegre  
commigo não foi ninguem,  
passei pelo purgatorio  
ouvi um grito muito além,  
era a velha minha sogra  
que dizia—eu vou tambem...

Eu lhe disse : minha sogra  
eu não posso a conduzir...  
ella me disse: eu lhe mostro

porque razão não hei de ir,  
se não fôr apago o raio  
quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou  
desmantelou-se o trovão  
o curisco que eu trazia  
escapuliu-me da mão,  
e tudo quanto eu trazia  
cahiu dessa vez no chão.

Ahi a velha voltou  
rogando praga e uivando  
quando entrou no purgatorio  
foi se mordendo e babando,  
dizendo tudo de mim  
lançando fogo e falando.

Bem dizia meu avô :  
sogra nem depois de morta  
fede a carniça seu corpo  
a lingua da alma corta,  
não diz assim quem não viu  
uma sogra em sua porta.

Eu vinha com isso tudo  
que o santo tinha me dado  
mas minha sogra apanhou  
o diabo bem descuidado,  
fiquei peor do que estava  
perdi o que tinha achado.

E quando cheguei em casa  
a mulher quasi me come,  
inda pegou num cacête  
e me chamou tanto nome,  
disse que eu casei com ella  
para matal-a de fome.

Se não fosse minha sogra  
eu hoje estava arrumado  
mas ella no purgatorio  
achou tudo descuidado  
abriu a porta e damnou-se  
veiu deixar-me encaiporado.

Nunca mais voltei ao céo  
para falar com São Pedro  
e inda mesmo que possa  
não vou porque tenho medo,  
posso encontrar minha sogra  
e vae de novo outro enredo.

— F I M —

---



## Um casamento na Roça

Eu vou contar uma coisa  
que se passou no sertão,  
entre serras altaneiras  
e um bonito ribeirão;  
é uma historia bem séria  
essa que lhes vou contar,  
ainda vivem os heróes  
d'esse caso singular. .

Eu morava na fazenda  
do meu querido patrão,  
elle tinha a sua dona  
e uma filha, pancadão! .  
Morena, com olhos grandes,  
bem arranjada de pernas,  
transformava as mioleiras  
dos desgraçados cavernas.

Todos viviam embeijados  
por semelhante donzella,  
cheirosa que só jasmim,  
gostosa que só canella,  
porém a moça, escovada,  
não queria namorar  
com nenhum dos pretendentes  
d'aquelle pobre lugar.

Mas um dia appareceu  
um doutorzinho pirata,

um perfeito almofadinha  
de paletot e gravata ;  
tambem trazia no dedo  
um vasto e grande anelão,  
usava uma calça estreita  
e um grosso bengalão.

E vinte dias depois  
o tal doutor Julião  
se fazia apaixonado  
pela filha do patrão ;  
ella, meu Deus, um derriço  
pelo cabra da cidade,  
um sujeitinho pelintra,  
todo cheio de maldade.

Andavam sempre juntinhos  
dia e noite a passeiar  
pelos prados, pelas mattas,  
n'uma alegria sem par ;  
elle era moço e bem forte,  
ella cheia de desejos,  
eu cansei de ver os dois  
agarrados e aos beiços.

Certa vez, ao pé do corrego  
ouvi assim um gemido,  
elhei «por riba» das folhas  
o ví o parzinho estendido ;  
virei a cara ligeiro,  
pois fiquei encafifado,  
só não contei ao patrão  
com medo do resultado...

Fiquei, portanto, calado,  
deixei correr o marfim,  
a safadeza dos cujos  
parecia não ter fim,  
mas um dia succedeu,  
inda me lembro com dor,  
pois havia dado o fóra  
o malandro do doutor ..

O patrão ficou pecesso  
e tratou de se informar,  
agarrou a nhá Paquita  
e fez a pobre falar ;  
a menina contou tudo,  
toda nervosa e bem fria,  
que se deixou seduzir  
e se deu a melodia ..

Que desgraça ! Desgraceira !  
A pequena era maior  
por isso o tal doutorzinho  
bancou a parte melhor ;  
não se conforma o patrão  
e quiz pegar o fugido,  
mas andou de séca e méca  
sem achar o foragido

Era o bilontra um esperto,  
conhecedor dos sertões,  
onde o diabo si vae  
é a peso de pescoções,  
por isso soube fugir,  
soube jogar no veado;

de balde se procurou,  
o homem estava encantado.

O meu patrão só queria  
era pegar o malvado  
satisfazer o seu odio  
e castrar o desgraçado,  
tambem pensava com raiva  
n'outra vingança cruel :  
beber-lhe o sangue todinho  
e a filha beber-lhe o fel !

Nhá-dona nada dizia,  
ficou muda e pensativa...  
nhá Paquita, coitadinha,  
parecia uma captiva,  
não encarava o patrão,  
não levantava a cachóla,  
vivia sempre chorando,  
quasi virava da bóla...

Assim passaram seis mezes,  
foram as coisas melhorando,  
o patrão foi esquecendo  
e a patrôa pensando  
como podia arranjar  
um marido p'ra menina,  
poucas pessoas sabiam,  
tudo correu na surdina.

Formaram um dia um conselho:  
patrão, nhá-dona e Paquita  
e resolveram, contentes,  
fazer uma «gorda» fita ;

pois a menina, faceira,  
começou a se atirar  
para o lado do feitor  
que ficou a se babar.

E o namoro pegou,  
pegou com força e vigor,  
andavam todos contentes  
e mais contente o feitor,  
pois casar com nhá Paqueta  
era uma sorte, um achado,  
por isso o pobre caboclo  
vivia todo embeijado !

Marcaram o dia das bódas  
e começaram os preparos,  
veiu tróço da cidade  
e objectos bem caros;  
o patrão mandou fazer  
outra casa na fazenda,  
um chalezinho elegante,  
era uma linda vivenda.

Mandou marcar umas terras  
e tudo deu ao feitor,  
inclusive doze bois  
e um grande varador ;  
dizem tambem que nhá-dona  
escorregou com dinheiro  
para o noivo se arranjar  
satisfeito e prazenteiro.

Afinal chegou o dia !  
Desde manhã muito cedo

que os sinos da capella  
repinicava sem mêdo ;  
explodiu o foguetorio  
e todos bem satisfeitos,  
e chegaram muitas donas,  
chegaram muitos sujeitos...

O noivo tambem chegou,  
gordo que só uma paca ;  
bancava um rabo de arára  
que o vulgo chama casaca...  
A noiva toda de branco  
e de grinalda e capella,  
estava mesmo catita,  
parecia uma donzella !

Juiz lá foi chegando  
o padre e o delegado,  
o escrivão do logar,  
e o boticario aleijado ;  
começou a cerimonia,  
o juiz fez o casorio,  
o padre por sua vez  
fez um vasto falatorio...

Feito emfim o casamento  
correu bebida á vontade,  
doces e muita comida,  
e uma grande novidade :  
um tal de fogo de vista  
que popocou no quintal,  
bem juntinho da tranqueira  
e longe do bananal.

Os noivos se recolheram  
na tal bonita casinha  
porem a festa ficou  
até quasi manhãzinha...  
Mas, porém, no outro dia,  
só o noivo appareceu  
vinha todo carrancudo  
e nem bom dia me deu.

Nhá-dona tava sentada  
olhando o canavial  
e meu patrão caladinho  
relia um certo jornal...  
Entrou arrogante o feitor  
e foi direito a nhá-dona,  
nhá-dona olhou para o cabra,  
e bancou a valentona.

O feitor então falou  
com muito desembaraço,  
se lastimou de verdade  
por ter cahido no laço...  
Disse quasi soluçando  
que tinha sido enganado.  
E se soubesse da coisa  
não se teria casado.

Nhá-dona, fula de raiva,  
respondeu ao tal simphorio:  
—Você deve estar contente,  
com semelhante casorio!  
Você ganhou uma casa,  
doze bois, algum dinheiro,

um bom pedaço de terra,  
muita coisa no terreiro.

—Eu também quando casei  
foi na mesma condição  
e não levei coisa alguma  
para o bom do Marrecão...

—Não é verdade, Yoyo?  
Perguntou para o patrão...

Elle calmo, respondeu:

—Ella tem toda razão!...

O feitor perdeu a linha  
e não soube que dizer,  
o patrão indifferente  
sempre calmo poz-se a ler,  
o feitor mais conformado  
saber mais nada elle quiz,  
voltou para casa contente  
E viveu muito feliz...



# G U A Ñ A R I N A

Officinas Graphica Movidias a Electricidade  
de FRANCISCO LOPES

Rua Manoel Barata, 99 — Telephone n. 1241  
ESTADO DO PARÁ — BELÉM

---

## São nossos agentes:

- Em RIO BRANCO (Acre)—Manoel Rodrigues  
Em MANAUS — Livraria do Mercado e Li-  
vrraria do Povo—Rua Marquez de Santa  
Cruz, 45.  
Em MARABA'—José Bandeira de Souza  
Em SAO LUIZ (Maranhão) —Valentim Maia,  
Rua Affonso Penna, 9-A.  
EM CAXIAS (Maranhão)—Trindade Vidigal  
& Filho—Rua Aarão Reis n. 8  
Em TREZIDELLA (Caxias)—Elias Coelho de  
Rezende.  
Em THEREZINA—Gonçalo P. de Miranda.  
Em BOA VISTA (Fordlandia) — Zacharias  
Uchja.  
Em FORTALEZA—F. Mozart de Andrade—  
Casa das Redes—rua Senador Alencar, 70  
Em NATAL (R.G.do Norte)—Ramos & Irmão  
—A Parahybana—rua Dr. Barata, 197  
Em SAO PAULO (Rio Potengy-Rio Grande  
do Norte)—Antonio Lopes Sobrinho.  
Em CAMPINA GRANDE (Parahyba) Livraria  
Campinense — Praça Epitacio Pessoa, 34



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).